

Evolução da metodologia para elaboração do planejamento cromático de cidades italianas

VANESSA PERES MARTINS¹;
NATALIA NAOUMOVA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessa_peresmartins@yahoo.com.br*

² *Universidade Federal de Pelotas – naoumova@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura tem sua existência intrinsecamente ligada à existência de matéria. Passa a existir quando uma certa quantidade de espaço é materialmente delimitada, ocupada pela presença concreta, tátil e visível, por materiais como: cal, cimento, tijolos, vidros, plásticos (BEDONI, 2012). Assim, quando caminhamos na cidade, por suas ruas, praças e parques, percebemos, entre outras coisas, as cores dos prédios e as suas características materiais. Deste modo, em conjunto, a policromia e os recursos de composição da forma urbana, nos possibilitam experienciar a cidade através de sensações espaciais e estéticas diferentes.

De acordo com Lynch (1997), a partir das suas vivências, cada indivíduo constrói para si uma imagem do ambiente construído. Esta imagem carrega associações com alguma parte da cidade que evoca lembranças e significados. Assim, a cor na cidade atua como um importante elemento de identificação, relacionando-se também com os aspectos culturais, simbólicos e psicológicos (BOERI, 2010).

Ao observarmos as áreas históricas das cidades, em muitos casos, é possível identificar que elas apresentam certa especificidade cromática, tal característica pode estar relacionada tanto com a cor própria dos materiais empregados nas construções, quanto com a sua pintura. Historicamente, as tintas antigas tinham a cor limitada à coloração das terras e dos pigmentos vegetais e minerais presentes no solo de determinado lugar, o que acabava produzindo as diferenças nas colorações das edificações das cidades (AGUIAR, 2005). Além disto, outros fatores importantes para a singularidade cromática de um lugar, são aqueles relacionados à época e estilo arquitetônico das edificações, que proporcionam peculiaridades referentes tanto a aplicação das cores, em termos de paleta cromática, quanto a sua combinação e a distribuição nas fachadas (NAOUMOVA et al, 2007).

A fim de preservar e conservar a identidade histórica do lugar, a cultura cromática, sua simbologia e a peculiaridade da percepção atual do espaço urbano, comprehende-se que as intervenções cromáticas na cidade em geral e nas áreas históricas especificamente, deveriam ser executadas com planejamento adequado das cores. Uma maneira de trabalhar com o planejamento cromático é por meio da utilização de um instrumento chamado Plano de Cor.

Os Planos de Cor começaram a ser utilizados em países europeus, principalmente na Itália, para preservação e valorização da paisagem urbana. Geralmente, o Plano tem como finalidade proteger e regular a cor histórica da cidade. Atuando desta maneira, contribui não só para a preservação, a conservação e o resgate da identidade do lugar, como também proporciona maior qualidade ambiental. Quando integrados aos Planos Urbanísticos das cidades, os Planos de Cor, podem servir como um guia, com orientações para as pinturas das

fachadas. A metodologia utilizada para a elaboração dos Planos de Cor não é fechada, estagnada, evolui e se modifica com tempo, incorporando diferentes fases e componentes complexos.

No entanto, no Brasil, os Planos de Cor ainda são desconhecidos, as intervenções cromáticas nas cidades ocorrem de modo casual e/ou pontual, desconsiderando, muitas vezes, o contexto das edificações e o conjunto de ambiências que compõe a paisagem urbana. Ainda que existam em algumas cidades diretrizes gerais para pinturas em áreas históricas (BERTHIER; NAOUMOVA, 2014), elas ocorrem de modo isolado por meio de uma paleta cromática pré-estabelecida, ou ainda, pela sugestão do emprego das cores limitadas às tipologias das edificações, não considerando os aspectos morfológicos e perceptivos da área urbana. A cor na escala da cidade não é entendida como integrante do processo de planejamento, não se reconhece que o seu uso de forma adequada poderia contribuir com a qualidade do ambiente e a atratividade das áreas históricas.

Como consequência da falta de metodologia para o planejamento e o uso de cores em áreas históricas, ocorrem muitos equívocos na sua utilização, tais equívocos acabam por dificultar a leitura do conjunto urbano, criando um ambiente com excesso de apelos visuais, desvalorizando e comprometendo a legibilidade da área. As intervenções cromáticas sem base teórica e metodológica, podem resultar também, e, de maneira grave, na perda total dos registros cromáticos históricos de um lugar.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a evolução da metodologia utilizada na elaboração de Planos de Cor italianos, de diferentes épocas, comparando as etapas, elementos e finalidades da sua execução. Esta análise é um recorte do trabalho de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (PROGRAU - UFPel).

2. METODOLOGIA

A compreensão e a reflexão sobre o planejamento cromático foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica. Para a análise comparativa foram selecionados os primeiros Planos de Cor elaborados para a cidade de Turim – *Piano Regolatore del Colore* de Giovanni Brino (1978) e *Progetto-Colore* de Germano Tagliasacchi (1985) – e o Plano de Cor mais recente, proposto para as cidades da Província de Latina (Piemontese, 2006).

De maneira geral, o Plano de Cor é composto de duas partes principais: as recomendações e os elementos gráficos, como tabelas e paletas de cores. A elaboração dos Planos, ocorre a partir de sucessivas etapas e procedimentos de trabalho, idealmente, elas têm início a partir da definição do objetivo do Plano; seguido da elaboração da metodologia a ser empregada no seu desenvolvimento; realização de pesquisas histórico-documental e *in loco*; análise e sistematização das informações obtidas; elaboração de materiais gráficos, como as paletas de cores, combinações cromáticas; elaboração do plano e controle.

A análise dos planos de cores italianos se justifica por terem sido iniciativas pioneiras no desenvolvimento de metodologias para o planejamento cromático na escala urbana, influenciando experiências práticas em outros países e estimulando o desenvolvimento de novas pesquisas neste campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo concentra-se na análise da evolução dos seguintes elementos dos Planos: (i) objetivos do Plano e (ii) metodologia empregada no seu desenvolvimento.

Os objetivos dos Planos passaram por modificações ao longo do tempo. A partir do *Progetto-Colore de Germano Tagliasacchi* (1985) houve a introdução de uma nova perspectiva para os Planos de Cor, a de planejar e projetar com uma nova consciência histórico-crítica (Aguiar, 2005). Os estudos passaram a considerar a evolução temporal própria de cada edificação e a sua contribuição para o contexto urbano, contrastando com a proposta pioneira de Brino (1978), a qual tinha como objetivo restabelecer a policromia de um tempo específico. Por sua vez, o Plano da Província de Latina passou a incluir nos seus objetivos a qualidade do ambiente e a atratividade, não se restringindo somente as questões da cor histórica.

Dentro da metodologia empregada no desenvolvimento dos Planos, foram analisados os seguintes aspectos: a escala de atuação, área de intervenção e sua abrangência.

A escala de atuação refere-se ao local de desenvolvimento do Plano, podendo ser uma cidade ou região. Nos planos estudados, a escala de atuação, passou de uma cidade – Turim – nos dois primeiros Planos, para uma região – Província de Latina – com propostas e orientações para um conjunto de seis cidades que dependendo das suas características históricas e morfológicas, poderiam optar por uma Plano de Cor mais detalhado.

A área de intervenção refere-se a área específica de aplicação do Plano, podendo ser um bairro previamente selecionado, ou então, se originar a partir da solicitação ao órgão público de autorização para a pintura da fachada da edificação, ou ainda, por meio de análise das características morfológico perceptivas da área urbana. A área de intervenção dos Planos se modificou, do foco na edificação e na rua, no Plano de Brino, passou a considerar a cena urbana complexa no Plano da Província de Latina.

A abrangência dos Planos é o aspecto relacionado as “camadas” de investigação da cor, podendo ser caracterizada pelo estudo da cor: (i) no âmbito do prédio e da rua, na intenção que o conjunto de edificações alcancem uma imagem pré-estabelecida, restrita a um tempo histórico; (ii) considerando o prédio e o seu contexto urbano, pesquisando a edificação, a sua cor histórica e a sua evolução cromática; (iii) abrangendo além da cor ligada ao prédio e a rua e a contribuição das cores dos prédios para o contexto urbano, inclui também a contribuição das cores dos prédios para a percepção do ambiente.

A abrangência dos Planos também evoluiu, passando da análise quase que exclusiva da documentação histórica realizada no *Piano Regolatore del Colore* de Brino (1978), para a análise, no *Progetto-Colore de Tagliasacchi* (1985), da documentação histórica em conjunto com a análise física das edificações e também da contribuição das cores dos prédios para o contexto urbano. Por fim, o terceiro Plano da Província de Latina (2006), além de abranger a cor ligada ao prédio e a rua e a contribuição do prédio para o seu contexto urbano, passou a considerar também as análises morfológico-perceptivas do ambiente urbano.

As equipes que atuaram na elaboração dos Planos também apresentaram uma mudança, tornaram-se equipes multidisciplinares, com profissionais e especialistas de diversas áreas envolvidos na elaboração dos Planos.

4. CONCLUSÕES

A partir da comparação do *Piano Regolatore del Colore de Giovanni Brino* (1978), considerado o primeiro Plano de Cor, com o Plano de Cor da Província de

Latina (2006), mais recente, foi possível identificar que houve uma significativa evolução histórico-crítica e técnico-metodológica. Houve um avanço no entendimento da necessidade de se realizar uma análise crítica das pesquisas, tanto de documentos quanto de vestígios cromáticos da edificação; além da inserção dos aspectos morfológicos das cidades e da percepção do ambiente na metodologia por meio da utilização de instrumentos de análise específicos.

Os objetivos dos Planos passaram a incluir a complexidade e a multidisciplinaridade das questões que envolvem a cidade, abrangendo os aspectos culturais, teóricos e históricos. Neste sentido, houve também a compreensão de que os Planos ao buscarem a proteção das tradições cromáticas e da identidade cultural das cidades, não poderiam ser instrumentos intransigentes que congelam a imagem urbana em uma determinada época. Os Planos de Cor passaram a incluir além das questões cromáticas e de restauro, o conjunto urbano, o contexto, visando recuperar também a qualidade ambiental das cidades.

A discussão da metodologia empregada no desenvolvimento destes Planos de Cor é relevante porque possibilita identificar os princípios gerais que norteiam o planejamento cromático das cidades e também os instrumentos de análise empregados na sua elaboração. Contribuindo desta maneira para o entendimento das questões relativas ao uso da cor e a importância do planejamento cromático para as cidades. De modo a estimular o desenvolvimento de metodologias adequadas à realidade das cidades brasileiras, principalmente daquelas que contam com áreas históricas significativas, que devem preservar além dos aspectos formais, as suas cores e ambiências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, J. **Cor e cidade histórica: Estudos cromáticos e conservação do património**. Porto: Edições FAUP, 2005.
- BEDONI, C. *Colore e Materia in Architettura: senso e ruolo nella storia dei luoghi e nella cultura dei popoli*. In: VIII Conferenza del Colore, 2012, Bologna.
- BERTHIER, G. T.; NAOUMOVA, N. Regulamentação do uso da cor nas áreas históricas das cidades brasileiras. In: II **SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS**, Rio Grande, 2014. Anais de II Seminário de História e Patrimônio: Diálogos e Perspectivas, Rio Grande: FURG, 2014. p. 511-522.
- BOERI, C., *A perceptual approach to the urban colour reading*. In: Colour and Light in Architecture, International Conference, 2010, Knemesi, Verona, p. 459-463.
- BRINO, G. *Il piano del colore di Torino: il problema del controllo delle tinte*. Bollettino d'Arte, nº 6, 1984. p. 115-116.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- NAOUMOVA, N.; LAY, M. C. D. *Historical polychromy and chromatic identity of urban settings*. In: Thirty-eighty Annual Conference of the Environmental Design Research Association, 2007, Sacramento. Building Sustainable Communities. Edmond: EDRA, 2007. v. 1. p. 90-95.
- PIEMONTESE, F. Metodologia di Progetto. In: PIEMONTESE, L. (Org.) **Progetto Piano del Colore: I Piani del Colore della Provincia di Latina**. Roma: Gangemi Editore, 2006a. p. 107- 156.